

Clamores Sociais

Edson dos Santos

1ª Edição

Câmara Brasileira de Jovens Escritores

Copyright©Edson dos Santos

Câmara Brasileira de Jovens Escritores
Rua Marquês de Muritiba 865, sala 201 - Cep 21910-280
Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (21) 3393-2163
www.camarabrasileira.com
cbje@globo.com

Agosto de 2011

Primeira Edição

Coordenação editorial: Gláucia Helena
Editor: Georges Martins
Produção gráfica: Fernando Dutra
Revisão: do Autor
Capa: Cinthia de Castro Fernandes e
Solange Bretas de Castro Fernandes

Contato com o autor
letras_edson@globomail.com

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por
qualquer meio e para qualquer fim, sem a autorização
prévia, por escrito, do autor.
Obra protegida pela Lei de Direitos Autorais

Edson dos Santos

**Clamores
Sociais**

Agosto de 2011

Rio de Janeiro - Brasil

Agradecimentos especiais pela confecção de capa

Cinthia de Castro Fernandes e Solange Bretas de Castro Fernandes

Sumário

AMOR SIM... GUERRA NÃO...	7
NA MAIS CRUEL JUDICAÇÃO	8
A GUERRA DO ÓPIO	9
EM CLIMA DE GUERRA	10
TUDO SE PERDEU	11
EM BUSCA DE PAZ NA TERRA	12
FAÇO PARTE DESSE GADO	13
ODE AO POVO DO SERTÃO	14
A DOR DO SERTÃO	15
O CLAMOR DO SERTÃO	16
O GEMIDO DO SERTÃO	17
FUNESTOS E MANIPULADORES	18
A CORRUPÇÃO E O DISFARCE DEMOCRÁTICO	19
COISAS DE PRESIDENTE	20
NAÇÃO FAMINTA	21
HORA GENTE HORA BICHO	22
ANTES DO SOL NASCER	23
NEM É GENTE NEM É BICHO	24
O JAPÃO NA BOCA DAS ÁGUAS	25
O LÓGICO E O ILÓGICO	26
LAMA NO CAMINHO DO CÉU	27
METÁSTASE	28
POEMA DE TERRA	29
O PREÇO DAS NOSSAS ORAÇÕES	30
CHUVA DE DESATINO	31
POEMA DAS ÁGUAS	32
SABOTARAM AS NUUVENS	33
POEMA DE LAMA	34
POEMA DE ÁGUA	35
POEMA DE CHUVA	37
AS COMPORTAS DOS CÉUS (Chubarada)	39

COTIDIANO	40
QUEM PODERÁ ME SALVAR...	41
NUMA CASA ILUMINADA	42
QUANDO O PÓ SUBIR	43
UM GOLPE CHAMADO DEMOCRACIA	44
SONHOS DE UM MENINO POBRE	45
AO IRMÃO DE RUA	46
O PAÍS E A LEI DOS CRETINOS	47
O BURRO E O LEÃO	48
ENGANARAM O ÍNDIO	49
MOMENTO TEDIOSO	50
TENTE... QUE VOCÊ CONSEGUE MUDAR...	51
EDUCAÇÃO E TRABALHO	53
ARQUIVO MORTO	54
NOSSA RENDA	55
ESTOU NA CIDADE GRANDE	56
COMO MAMÃE JÁ ME DIZIA	57
A GUERRA DAS APARÊNCIAS	58
CORDEL D'AJUDA	59
UM CORDEL A FELICIDADE	60
VELHICE	61
A VELHICE CHEGOU	62
SÃO PAULO E SUAS DEFORMAÇÕES	63
UMA GERAÇÃO CORRUPTA	64
COMENDO LIXO	65
OS CORRUPTOS	66
NO SUBMUNDO DOS CORRUPTOS	67
A FLÂMULA DO PRECONCEITO	68
POR ESSA, JESUS NÃO ESPERAVA.	69
A FUMAÇA DA GUERRA	70
DEPOIS DA GUERRA	71
ENTRE A PAZ E A GUERRA	72
O AMOR É A MAIOR ARMA PARA SE VENCER UMA GUERRA	73
SEM RESPOSTA	74

AMOR SIM... GUERRA NÃO...

Melhor fazer amor
Do que criar a guerra
O amor nos leva ao céu
A guerra destrói a terra

Oh! Néscios.
Não entendem isso
Nunca vão amar
Estão mortos!

Cadáveres andantes
Na ficção do tempo
Estão surdos
Na estação do vento!

NA MAIS CRUEL JUDIAÇÃO

Como gado encurralado
Em direção ao matadouro
Tal qual um frango alado
Caído no abatedouro

Com uma faixa nos olhos
Para que não possa enxergar
O cutelo e a navalha
Que vem para enfim degolar

Assim é o pobre cidadão
Vagando por esse mundo
Na mais cruel judiação
Como se fosse vagabundo

A GUERRA DO ÓPIO

A guerra do ópio
Deu-se uma vez na china
Agora estão nos morros
Nos palácios e nos altares

A guerra do ópio das religiões
Na devassidão da ganância
Vendendo indulgências
Prometendo abundância

A guerra do ópio
Nas palavras poéticas
No tom desafinado das canções

A guerra do ópio
Cultivada pela falta de amor
Aumentando as dores de tantos corações

EM CLIMA DE GUERRA

O princípio da guerra é a terra
O assunto da guerra é a paz
Por causa da terra
E por causa da paz
É que se faz tanta guerra
E para aumentar ainda mais a dor
Inventaram a guerra
Em nome do amor

TUDO SE PERDEU

Onde está
Aquele filho
Que dia
Você gerou?

Como estará
Aquele criança
Que um dia
Você deixou?

A tua alma
Hoje chora
Tua consciência
Enfim doeu

Você descobriu
Só agora
Que tudo
Se perdeu

E que você
Não merece nada
Daquilo que Deus
Um dia te deu

EM BUSCA DE PAZ NA TERRA

Eu vi um trem arrastando
Uma fila com seu vagão
Sobre os trilhos andando
Nessa minha imaginação

Eu olhei grandes aviões
Cuspindo fogo na guerra
E vi grandes multidões
Em busca de paz na terra

Também um barco se viu
Causando a guerra no mar
Numa manhã que se abriu
Eu vi tanta gente a chorar

E a paz buscada na terra
A gente não vai alcançar
Promovendo tanta guerra
No grande arrojo de matar

FAÇO PARTE DESSE GADO

Eu venho do pó da terra
Do barro eu fui formado
Eu não sou santo nem fera
Eu sou filho do pecado

Meu céu é muito escuro
Coberto pela fumaça
Meu leite é o chão duro
Eu durmo no meio da praça

Eu tenho a mão estendida
Eu vivo pedindo ajuda
Sou duma nação esquecida
Não há quem me acuda

Eu sou apenas um lixo
Que nunca foi retratado
Eu sou apenas um bicho
Eu faço parte desse gado

ODE AO POVO DO SERTÃO

Fogo no serrado, quanta fumaça!
Já não há água nas fontes
Só restou a poeira
Que soprada pelo vento
Segue o seu caminho

Há um mito chamado saudade
No vermelho céu do sertão
Tantos olhos buscando uma nuvem
A desaguar no estorricado chão
Campo de solidão

Nada de glória
Com pés descalços, no duro caminho
Não conhece escola
Vivendo a cada novo dia
O trajeto da velha história.

A DOR DO SERTÃO

A chuva do olhar
Irrigou o sertão
Com as gotas da dor...

Encheu os olhos d'água
Ao olhar a terra seca:
Pobre sonhador!

Viu a sua esperança
Na poeira que levantou.

O CLAMOR DO SERTÃO

As águas do sertão
Molharam as terras secas
Após saírem dos olhos
Lavaram o coração
De quem esperava
Que as nuvens desaguassem
Em cima do seu torrão

Águas salgadas
Escorrendo pelo rosto
Águas salgadas
Brotadas do desgosto

Ah. Meu Deus do céu!
Por que razão
As nuvens se fecharam
Para as terras do sertão

A indústria da seca
Enriquece a tanta gente
Outros morrem de sede
Meu Deus tenha dó da gente

Águas salgadas
Escorrendo pelo rosto
Águas salgadas
Brotadas do desgosto

O GEMIDO DO SERTÃO

Ah! Se Deus ouvisse o gemido do sertão
Mandaria essas águas que alagam São Paulo
Alegrarem uma multidão que respira a poeira
Que levanta do seu chão

O que se há de fazer
Para que as preces sejam ouvidas
Quem há de atender
A essa gente tão sofrida

O céu se fechou
Qual foi o motivo
Explique a essa gente
Que clama por ti meu Senhor

FUNESTOS E MANIPULADORES

Aos funestos os aplausos da mídia
Aos miseráveis um grande tapete
Onde os lixos são escondidos

De geração a geração
O poder desliza pelas mãos
De disfarçados ditadores

Na realidade o lixo é o mesmo
Seja rei, ou seja, presidente,
Todos são manipuladores.

A CORRUPÇÃO E O DISFARCE DEMOCRÁTICO

Subjugamos as coisas simples
Ao singelo fazemos desfalecer
Ao peso do punho de ferro

Sorrimos sentados na praça
Enquanto o sangue que escorre
Alastra por toda calçada

Aplaudimos a carruagem que passa
Aos que morrem de fome
Enegrecemos o caminho

Somos os corruptos
Que comandam toda a lei
Somos os democráticos ditadores

Somos a índole da violência
Os terroristas do passado
Fingindo de santos no presente

Somos a organização confusa
Que por força da nossa ganância
Roubamos os princípios morais

COISAS DE PRESIDENTE

Cego... Surdo... Mudo...
Eu não posso comunicar
Tudo isso é absurdo
O que você vem perguntar

Eu não sei de nada
Confesso que nada vi
Eu não vou falar nada
Não adianta insistir

De uma coisa apenas sei
Disso eu já me decidi
Na política eu entrei
E dela não vou mais sair

NAÇÃO FAMINTA

O que,
Vamos fazer
Para curarmos
Esse mal
Estamos com,
Muita fome
De justiça
De progresso
De moral...

HORA GENTE HORA BICHO

Deitado no chão
Comendo lixo
Pobre cidadão
De triste capricho

Na cidade grande
Homem vira bicho
No palácio gangue
No gabinete lixo

ANTES DO SOL NASCER

A solidão do tempo
De quem tem o poder
De fazer sofrer por um momento
Ou sofrer um pouco mais
No calor do dia-a-dia
Dois cachorros e uma carroça
Vigiados por urubus
Que famintos esperam
De que vale teoria
Se pelo menos do papel
O projeto não sai
Das malditas gavetas
Arco-íris de sangue
Iluminando os barracos
Aos topos dos morros
Das nobres favelas
Uma triste vida de gado
Marcados para morrerem
Na próxima madrugada
Antes do sol nascer

NEM É GENTE NEM É BICHO

Um bicho chamado gente
Deitado no meio da praça
Comendo o lixo da lata
Um pobre bicho contente

Cadê o bicho
Que cuida da gente
Cadê a gente
Que não cuida do bicho

Nem é gente nem é bicho
Vivendo alegremente
Rasgando saco de lixo
Bicho esquecido da gente

O JAPÃO NA BOCA DAS ÁGUAS

Furiosamente engoliu sem mastigar
Tudo o que encontrou pela frente
Foi apenas a grande revolta do mar
Levando o culpado e o inocente

Para uma nação um triste marco
Que faz a alma ficar descontente
Ver carro, avião, moradias e barco,
Misturando aos corpos dessa gente

Engolidos pela boca das águas
Uns em trabalho e outros em lazer
Aos vivos só restaram as mágoas
E nada mais há que se possa fazer.

O LÓGICO E O ILÓGICO

Um passado... Tão presente... Sem futuro...
Deixaram marcas inesquecíveis
De uma chaga incurável
Aberta no coração.

Sonho esquecido
Labirinto de falsas palavras
São retratos do grande sofrimento
De uma pobre e abandonada e vil nação

E é sempre assim
A cada quatro anos de promessas
Uma espera sem fim

Todavia enquanto isso
Tantas vidas se perdem em abandono
Sem receber o sim

LAMA NO CAMINHO DO CÉU

Cavando na terra e na lama
Buscando algum tipo de sobrevivência
Batendo com o martelo na bigorna
Amassando o ferro com sofrimento

Assopra o fogo na fornalha
Outro correndo atrás da bola
Faturando uma bolada

Os mercadores da bíblia
Edificaram um altar
Pois esse tipo de comércio
Não precisa grande investimento
Basta jogar lábias ao ar

Com filhos na faculdade
E bem nutrido esse safado está
E os fieis nem perceberam
Que seus sapatos estão prestes a furar

METÁSTASE

Você tá com problemas
Nós vamos te ajudar
Venda teus pertences
E coloque no altar

Traga teus impostos
Nós iremos arrecadar
Somos a metástase
Querendo te matar

Você muito trabalha
E só a gente ganha
Mas você nem percebe
Que somos sem vergonha

É em nome de Cristo
Que nós enriquecemos
Foi com a turma do planalto
Que nós aprendemos

Somos todos de lá
E eles todos de cá
Nós agimos juntos
E botamos para lascar

POEMA DE TERRA

Quando a chuva cai
A terra embriagada desliza pelos montes
Buscando ao pé do morro
Desabrigar e por em extinção
As almas presas nos casulos da inquietação
Quem dera ser uma miragem
As desgraças que meus olhos contemplam
Vidas, barros e folhagens...
Misturando-se sem razão
E nesse poema de terra
Quantos morrem sem ver brilhar a luz
No resolute da escuridão

O PREÇO DAS NOSSAS ORAÇÕES

Se rezarmos para chover
Se no ato da extravagante sequidão
Fizemos uma oração
E se de repente
O lindo céu azul se escurecer lentamente
Carregado de nuvens cheias
Por nossas petições
Oh, súplicas da remissão!
Que chegastes ao trono no Altíssimo
Com altivez e contradição...
Venho a ti para agradecer
Enquanto outros vêm para pedir
E hoje milhões que choram pela desilusão...
Quem poderá explicar a razão da fé
Se vivemos no mundo tributado
Simplesmente por ela

CHUVA DE DESATINO

Onde seria o pior país para a copa
Agora o problema se agravou
O que será construído primeiro
O estádio de futebol
Ou a cidade que desabou

Será mais fácil gritar socorro!
Ou comemorar o gol?

Depois de tanto negociar
O jogador ganhou patrocínio
Vai ganhar um milhão de reais
O pobre em seu domínio
Não atinge seus ideais

Nessa chuva de desatino
Cada qual em seu trágico destino

POEMA DAS ÁGUAS

Montes que clamam
Montanhas se desmancham
Rio preenchido brutalmente
Pela decepção do destino

A miséria de tantos
Arrastados pela corrente de lama
Um mar de corpos caídos
Uma massa se derrete em prantos

Arvoredos arrastados
Fecham o caminho da esperança
Submergidos ao lodo
Velho, moço e criança...

Que destino cruel e trágico
Para quem nem mesmo nasceu
Para quem teve os olhos fechados
Mesmo sem nada entender

Esse é o poema das águas
Onde o leito do rio se completa
Pela torrente que jorra dos olhares
Que contemplam a destruição

SABOTARAM AS NUVENS

Sopraram as nuvens
E na direção de outro rumo
Enlouqueceram no tempo

Desaguaram no rosto do Cristo
Que de braços abertos
Contempla a destruição

O morro se transforma em lama
E a lama transforma o morro
Em esconderijos de almas

Muro humano em volta do rio
Que escondido pelo lodo
Entoa forte lamentação

POEMA DE LAMA

Céus que regam os montes
Cadáveres sucumbidos pela lama
Nos escombros das almas sofridas
O vigor de tantos anos
Levantado em cada tijolo
Transformado em ruínas

O governo cobra pela edificação
O pastor pela oração
O padre pela confissão

Já não sei quem é o errado
Nem tampouco que é o certo
Pois a desgraça vive tão perto
Nesse poema de lama
Muitos dormirão soterrados
Onde a voz da tristeza clama

POEMA DE ÁGUA

De onde vem o vento
Que afugenta do sertão as nuvens
E para onde vai?
Oh supremo criador!
Que tudo sabe e tudo ver
Contemplai agora
Quantos corações regados
Olhando para o céu querendo mudar
A direção das nuvens
Sobrepõe-se ao pó
Soprado pelo vento da desilusão
Poeira, ramos e torrão...
Outros se mergulham
Na imensidão das águas cruéis
Que arrastam multidões
Caem em precipícios
Enquanto nos alteres se cobram
Cada palavra das orações

Pobre de nós
Que contemplamos as devastas
Sem saber se somos ouvidos
Controlai as comportas do tempo
Para distribuir as riquezas
Que jorram de teu trono
Tente repartir por igual
Para que todos fiquem contentes
Sejas generoso a teus filhos
O céu que cobre a cabeça de muitos
Tem - se distribuído a tão poucos
Por essa razão vem o pranto
Destes tanta água a tantos
Enquanto outros rabiscam na poeira
Com as gotas da solidão
Esse poema de água
Regará os olhos daqueles
Que correm em busca de solução

POEMA DE CHUVA

Desde o começo do mundo
Existe deserto sertão
Mas sempre caiu a chuva
No meio desse povão

Se chovesse no sertão
Para manter a sobrevivência
Na cidade grande
Não teria essa aglomeração

Na estrada de barro
Ninguém quer trafegar
Por isso criaram o asfalto
Para o chão impermeabilizar

Para fazer uma casa
Temos que cavar o chão
Mas se o solo é tão frágil
Não adianta reclamação

O sertão é terra boa
Propícia para se habitar
Mas se lá Deus não dá chuva
Fica difícil de morar

Desde o começo do mundo
Que a seca ao sertão consome
Isso é muito profundo
Desculpem-me não é culpa do homem

Eu queria saber
O porquê de tanta desigualdade
Se até as nuvens do céu
Mostra essa realidade

Esse poema de chuva
Molhará muitos corações
Uns por falta de água
Outros por inundações

AS COMPORTAS DOS CÉUS
(*Chivaraða*)

Se eu fosse Deus
Das nuvens eu mudaria a direção
Para que uma gota de chuva
Pudesse molhar o sertão

Na grande cidade
Uns morrem encobertos por uma cachoeira
Mas lá no sertão
Outros são sufocados pela poeira

Ah. Meu Deus do céu!
Tenha um pouco de compaixão
Morrendo de inveja da chuva
"Véve" o povo do sertão

COTIDIANO

Nesse mundo de fascista
Pretendo ser um anarquista
Criar minha própria pista

Sou alimento de leões
Peça de câmbio de ladrões
Fantoches nas eleições

No matadouro sou o gado
Amordaçado e espancado
Pela miséria, açoitado

No rio sou a enchente
No sertão a poeira quente
Sou igual a tanta gente.

QUEM PODERÁ ME SALVAR...

Caminhando por esse mundo
Vivendo morrendo e sofrendo
Entrando em outros mundos
Estou...

O vento sopra meu rosto
O sol queima minha pele
Nas calçadas imundas
Estou...

A brisa leve da noite
Faz-me tremer de frio
Abandonado no tempo
Estou...

Quem me poderá salvar
Dar-me um pouco de calor
O Deus que está no altar
Ou do palácio o Doutor

Nem promessa nem reza
Nem tampouco oração
Resolverá meu problema
Nem me trará solução

É preciso ter consciência
Que eu também sou humano
E acabar com as diferenças
No nosso cotidiano

NUMA CASA ILUMINADA

No planalto há um tacho
Onde todos metem a colher
Tem espaço para palhaço
E para espancador de mulher

Lá tem um grande criatório
De bichinhos de estimação
Tem vaca, touro e veado,
Cachorro, gato e rato no porão!

Para aumentar essa façanha
E provocar a grande ira
Tem um aquário para piranha
E outro aquário para traíra

Lá tem uma casa iluminada
Bonita e animada para valer
Com muita gente depravada
Fazendo dentro dela seu lazer

Na casa tem muitas cadeiras
Para as podres reuniões
Onde sai muitas besteiras
Muitas brigas e confusões

Tem uma rampa que escorrega
Feito quiabo com ovo
Onde se esfrega muita merda
Na humilde cara do povo

QUANDO O PÓ SUBIR

Eu vou bater poeira
Quando o pó subir...

Ah! Meu Deus do céu
Tomara que chova logo
Para baixar o pó que assola
As terras do meu sertão

Se isso não acontecer
Eu vou bater poeira
No meio da multidão

Há um povo sofrido
Em busca de solução
Povo simples e esquecido
Por esse vasto sertão

UM GOLPE CHAMADO DEMOCRACIA

Num país democrático
Você não tem direito de escolha
E sim, você é obrigado a escolher,
O próximo ladrão a te roubar

O sistema nos fere
Com uma navalha na garganta
Uma corda no pescoço
E um grande nó na tripa

Fazem festas a nossa custa
Comem e bebem em seus banquetes
Defecam suas ironias
Jogam o excremento em nossa cara

SONHOS DE UM MENINO POBRE

A vara é uma nobreza
Nesse mundo tão animal
Onde menino com singeleza
Cavalga num cavalo de pau

Voltando as cavernas
Lá se vai o garotinho
Com a vara entre as pernas
Traçando o seu caminho

Por dentro ele sonha
Ser um dia um doutor
Mas nessa vida enfadonha
A escola lhe faltou

AO IRMÃO DE RUA

Vejo caído no lodo
Rolando pelas calçadas imundas
Buscando no lixo um pedaço de pão
Ou qualquer coisa para comer...

Com roupa suja e rasgada
Pés descalços no chão
Sofrendo tanto pela vida
Que um dia lhe fez sofrer...

Já esquecido pelo mundo,
Sem família, sem lar, sem irmão
Ah! Que tristeza me dá
Ver tanto descaso e tanta ingratidão...

O vento lhe soprando o rosto
Que falta um cobertor te faz
Pobre coitado o cidadão
Brasileiro sofrido, "que situação!".

O PAÍS E A LEI DOS CRETINOS

Vivemos num país dos cretinos
Entre assaltos igrejas e cassinos
E na maldição do arrecadar

Homens com sapatos furados
Correndo para todos os lados
Sem a solução encontrar

Pagam votos dízimos e promessas
O planalto mandou avisar
Que o imposto vai aumentar

O BURRO E O LEÃO

Deixou na urna com alegria
O seu voto de confiança
Num grande bicho devorador

Depois chorou de tristeza
Ao perceber que a burrice
O seu pasto então devastou

Quase nem come mais capim
Pois o fogo do planalto
O seu pasto incendiou

O leão segue engordando
Pois sempre na sua morada
Carne de burro nunca faltou

ENGANARAM O ÍNDIO

Encanto de índio
Luz do espelho refletindo no rosto
Ouro no alforje
o pagamento por toda emoção

Hoje a coisa continua
Iluminada por um falso brilho
Espelho já não mais existe
Apagou-se a luz
Um bom pedido de voto
Coração de eleitor seduz

MOMENTO TEDIOSO

Uma coisa enfadonha
Ninguém parou para contemplar
A roubalheira medonha
Desse tal parlamentar
Além de não ter vergonha
E no povão não quer pensar

TENTE... QUE VOCÊ
CONSEGUE MUDAR...

Uma criança escorregou
Num “tobogã de fim de feira”
Uma casca de banana
Jogada lá na ladeira

O perigo que corremos
Com a sujeira que fazem
Tantos acontecimentos
Que nos fazem chorar

O rio invadindo as ruas
Na mais louca velocidade
Por causa da sujeira
E da tua incapacidade

Será que tu não pensas
No conforto do teu próximo
Escute o meu lamento
Vamos procurar mudar

Saiba que o rio não foi feito
Para carregar o teu sofá
E nem aquela cadeira velha
Que você não quer mais usar

Quantos são os mananciais
Que já não servem para nada
Transformou-se em privadas
Ou cemitério da bicharada

Botam a culpa no prefeito
E na sua administração
Mas ninguém pode dar jeito
Na tua falta de civilização

Quando você aprender
Da natureza assim cuidar
Eu te digo com toda certeza
Que a tua vida vai mudar

EDUCAÇÃO E TRABALHO

Sem estudo ninguém pode
Na indústria trabalhar
É uma bomba que explode
Desse jeito assim não dá

O que se pode fazer
Para isso melhorar
É preciso muito querer
Para esse quadro mudar

Senhores governantes
Tenham compaixão
Desse povo "ignorante"
Que busca uma solução...

ARQUIVO MORTO

Nosso mundo é tão estranho
É tudo tão diferente
Nos versos que componho
Mostro isso a tanta gente

Muita miséria, muita fome
Falta de educação
Da saúde ninguém cuida
Veja que situação

O desemprego assolando
Essa triste e pobre nação
Que a míngua vai morrendo
Sem nenhuma solução

Amiúde se ouve promessas
De muitos parlamentares
Mas na verdade eles não querem
Mudar essa realidade

Entra ano e sai ano
E sempre o mesmo desconforto
Muita sujeira debaixo do pano
E nós somos o "arquivo morto."

NOSSA RENDA

Enquanto você se preocupa em ser
Um sujeito bacana
E roubar muita grana

Eu fico aqui no meu canto sonhando
E lendo jornal
Que tema banal

Mexeram com a nossa renda
E aumentaram o imposto ainda

Aonde vai
Com tanto dinheiro
Dinheiro roubado

E esse país que eu mesmo escolhi
Para ser o meu país
Já não tem sido um país

ESTOU NA CIDADE GRANDE

Quando eu vim lá do sertão
Nada podia me alegrar
A não ser aquele baião
Que eu sempre ouvia tocar

Tão grande a recordação
Que me faziam chorar
Me magoava o coração
Pensei: não vou aguentar

Então fui me acostumando
Aqui na cidade grande
Pela vida fui lutando
Com o trabalho constante

Alguns amigos eu conquistei
Na indústria e na construção
Com alguns me enganei
Pois viviam em confusão

Hoje sinto muita saudade
Da minha terra querida
Onde a vida na realidade
Também era muito sofrida

Aqui na cidade grande
Muita coisa eu aprendi
E que a vida só garante
Aquele que não desistir

COMO MAMÃE JÁ ME DIZIA

Quando eu era pequeno
A minha mãe já me dizia
Ouça aqui meu menino
Não tenha a mente vazia
Não siga o mau caminho
E terás uma história sadia

Não esqueça que a vida
É feita de honestidade
Não tenha a alma dividida
Não siga a perversidade
Nunca use uma mentira
No lugar duma verdade

Saiba fazer uma crítica
Dentro da realidade
Mas se entrares na política
Não roube a humanidade
Para não ser um recordista
Em esganar a sociedade

Se um dia quiseres subir
Lá no alto dum palanque
Não vá a esse povo iludir
Com palavras de levante
Se ver que não vai cumprir
Não leve a prosa adiante

A GUERRA DAS APARÊNCIAS

Eu vi muitos grandes caídos
Muitos pequenos de pé
Ovi tantos gemidos
Qual sussurro da maré

Vi o valor e a grandeza
Se espatifando no chão
Vi a riqueza e a grandeza
Sendo fechadas num caixão

Para onde foi tanta beleza
Quem poderá explicar
Nunca pensamos na certeza
Que tudo vai se acabar

CORDEL D´AJUDA

Vi uma mulher chorando
Sentada a beira do caminho
O povo passava olhando
Mas não lhe dava carinho
Dando-lhe apenas abandono

Meu coração se comoveu
Para a mulher estendi a mão
Então ela reconheceu
Que eu sou um cidadão
E que o mundo dela é o meu
Em diferente situação
Daquilo o que Deus nos deu

Eu vi a mulher sorrindo
Tal qual o sol do meio-dia
O seu sorriso ia se abrindo
Contemplei a grande alegria
Que a mulher estava sentindo

A vida é uma grande lição
Que devemos sempre aprender
Ao oprimido estender a mão
Para ajudar ele a se erguer
Não se sabe em outra ocasião
O que será de eu e você
Se enfrentarmos a privação

UM CORDEL A FELICIDADE

Uma criança só está feliz
Se estiver numa escola
Com o seu pai empregado
Para não viverem de esmola
No mundo, jogados de lado.

Um pai de família feliz
Com seu dinheiro no bolso
Para comprar um bom alimento
Comprar carne e não osso
E não viver ao relento
Qual prisioneiro no calabouço
No mundo de sofrimento

Toda dona de casa feliz
Quer ver sua dispensa cheia
Sua família bem nutrida
Nunca de barriga vazia
Nem desejando comida alheia

Uma nação que vive feliz
Fala bem do seu governante
Pois sabe que ele sempre quis
Ver o jovem sendo estudante
Para aprender um bom caminho
E não ter uma vida errante
Nem viver em desalinho

VELHICE

A luta
Contra preconceito
O confronto
Com as intolerâncias
A espera
Pelo fim dos dias
A missão
Da vida já cumprida
Os sonhos
Já realizados
A certeza
De ser um vencedor
A realidade
Que nunca se nega
O desejo
De ser sempre amado
Ou a tristeza
Que talvez num asilo
Um dia
Venha ser desprezado

A VELHICE CHEGOU

Não chore nem um instante
E não se sinta machucado pelo tempo
A alma não envelhece
O corpo cria rugas
Marcadas pela idade
Dizendo ao mundo
Que você viveu

O véu do tempo
Embranqueceu tua cabeça
E uma nuvem
Escureceu o teu olhar
Mostrando com pouca nitidez
O grande caminho
Que você percorreu

SÃO PAULO E SUAS DEFORMAÇÕES

São Paulo que já foi
A terra da garoa
Agora quando chove
São Paulo vira lagoa

A gente nunca viu
Tantos bairros alagados
Os que não morreram de frio
Estão morrendo afogados

UMA GERAÇÃO CORRUPTA

Abandonamos a dignidade
Adotamos a corrupção
Adoramos a maldade
Maltratamos nosso irmão

Essa nota é raridade
Vamos encher a tua mão
E se tu falares a verdade
Não terás tua porção

COMENDO LIXO

Pobre criatura
Figura de uma grande cultura
Deixada num abandono profundo
Rasgando sacos abrindo latas
Metendo sua mão em certos buracos
Vida quebrada virada em cacos
Nome de senhor semblante de eleitor
Pobre criatura vítima do desprezo

Aquele que seria o futuro da nação
Dorme fora de uma casa e jogado pelo chão!
Ao contemplar certas cenas
Me comove o coração
Tratado como bicho
Vejo um cidadão,
Comendo restos no lixo
Dormindo pelo chão.

OS CORRUPOTOS

Em toda parte do mundo
Existe a corrupção
Fundaram aqui no Brasil
Esse tal de mensalão

O dinheiro que sumiu
Foi parar com o ladrão
Que de você só lembra
Em época de eleição

Isso é uma doença
Que não tem mais cura não
O brasileiro já não aguenta
Essa tal situação

Isso arde feito pimenta
Dentro do coração
Trabalhamos noite e dia
Para sustentar tal leão...

NO SUBMUNDO DOS CORRUPOTOS

No submundo dos corruptos
Onde eu tenho que morar
Acima de tantos absurdos
Sou obrigado a votar

Uma urna de boca aberta
Por mim está a esperar
Sem um sinal de alerta
Saiba alguém irá te roubar

A cada quatro anos
É sempre a mesma conversa
As palavras de enganos
Ditas em linguagem incerta

A FLÂMULA DO PRECONCEITO

No estereótipo das almas precipitadas
Pelo egocêntrico de um coração ensoberbecido
Amiúde geme a liberdade num cativo profundo

O julgamento das cores mais escuras
Produzindo a escravidão dos seres
Para denegrir a imagem dos que choram

A bandeira do preconceito está erguida
Para que nem todos tenham acesso à vida

POR ESSA, JESUS NÃO ESPERAVA.

Que um filho de carpinteiro
Tornar-se-ia um grande homem
Que o traidor fosse seu companheiro

Que os mercantes do evangelho
Ganhariam muito dinheiro
Vendendo o seu santo nome

E que usariam a santa bíblia
Como uma grande arma de engano

A FUMAÇA DA GUERRA

O céu escureceu
E a chuva não caiu
O sol com brilho escuro
No horizonte sumiu
Ninguém viu estrelas
No céu aparecer...

A fumaça da guerra
Fez tudo escurecer
Passando à noite em agonia
Esperando o amanhecer
Que dia feio e esquisito
Será que vai chover?

Quando é que vai parar
Essa grande confusão
Onde você quer chegar
Matando gente de montão?
Satisfeito nunca estarás
Você não tem coração...

A fumaça da guerra
Já cobriu o teu coração
Você nunca descobriu
Que todos nós somos irmãos
Onde foi que já se viu
Viver só de ilusão...

DEPOIS DA GUERRA

Só restou um triste lamento
Para aquela que perdeu o par...
Vive num grande sofrimento
Passando o tempo a chorar...
A vida se foi com o vento
Da triste guerra a soprar...
E sem nenhum contentamento
Só lágrima no rosto a rolar...
E no seu depoimento
Por socorro vem implorar...
Agora num acampamento
Foi obrigada a ir morar...

ENTRE A PAZ E A GUERRA

Evidentemente humanos
Cheios de contradições
Traçando novos destinos

Homens e mulheres
Diferentes e tão iguais
Lutando por seus ideais

Uns fazendo a guerra

Outros lutando pela paz

O AMOR É A MAIOR ARMA PARA SE VENCER UMA GUERRA

A maior arma para vencer a guerra é o amor
Ainda que pareça difícil esta realidade é sem dor
Não adianta endurecer e nem negar o coração
Pois agindo assim o corpo cai em contradição...

O Cristo pendurado na cruz perdoou o ladrão
Deixando para nós, um ensinamento padrão
Mostrando a humanidade que mesmo na dor
Não há motivo para a gente fugir e negar amor...

Que bom se a gente seguisse seus ensinamentos
E deixasse de lado todo grau de ressentimentos
Para cultivar com carinho a amizade e o amor...

A injustiça provoca no coração um vasto ardor
Deixando a vida inquieta e sem nenhum valor
Levando a alma abatida aos eternos sofrimentos...

SEM RESPOSTA

Por que, que a gente pensa e não pode falar
Por que, que tanta crença me faz desacreditar
Por que, que quem foi eleito para cuidar
Se sente no direito de roubar
Por que, que eu já não tenho mais
Em quem acreditar...

Por que, que eles brigam para no poder entrar
Por que depois de eleitos eles veem se abraçar
Por que, que esta nação é tão cega
E já não consegue enxergar
Por que, que eles conseguem
A tenta gente manipular...

Livro produzido pela
Câmara Brasileira de Jovens Escritores
Rio de Janeiro - RJ - Brasil
<http://www.camarabrasileira.com>
E-mail: cbje@globo.com